



MARCHA DAS VADIAS: A RESISTÊNCIA NA PELE

Tyara Veriato Chaves¹

É interessante perceber o quanto os sentidos sobre o corpo da mulher a colocam numa determinada posição no discurso. O corpo da mãe, o corpo da santa, o corpo da pecadora, o modo como é vestido, aquilo que o cobre e o quanto se descobre, os lugares por onde transita, sua gestualidade, tudo isso no crivo do olhar. O corpo é uma *materialidade significativa* (ORLANDI, 2012) e isso implica dizer que ele não possui apenas uma dimensão física, mas é também corpo simbólico, produzido em processos de significação onde se relacionam língua, sujeito e História.

A relação entre corpo, sujeito e História passa pela linguagem e pelo funcionamento da Ideologia como uma prática que determina os sentidos e os sujeitos como “evidências naturais” (PECHÊUX, 1975). Neste caso, pensamos em como estas evidências são reproduzidas/transformadas nos discursos sobre o corpo, de modo que antes que o sujeito diga “eu sou”, seu corpo se apresenta ao olhar, fazendo com que ele sempre “já seja”. Essa discursivização do corpo na relação com a Ideologia admite que: “a forma sujeito histórica tem sua materialidade e que o indivíduo, interpelado em sujeito pela ideologia traz seu corpo por ela também interpelado” (ORLANDI, 2012, p.87).

Volto agora o olhar para o corpo na Marcha das Vadias, movimento que teve início em 2011 no Canadá. Seu discurso de constituição ocorre a partir de um acontecimento na Universidade de Toronto, uma palestra onde um policial orientou como medida de segurança que *as alunas evitassem se vestir como vadias para não serem estupradas*. Em consequência das palavras do agente de polícia, cerca de três mil pessoas foram às ruas no Canadá protestar contra a “culpabilização” de mulheres vítimas de violência sexual. Rapidamente a Marcha ganhou proporções mundiais e, observando as regularidades e diferenças de cada edição onde se realiza, vê-se um funcionamento recorrente: o uso do corpo como protesto.

Proponho aqui pensar no efeito de *auto-apropriação* do corpo na Marcha das Vadias especificamente no gesto de escritura sobre a pele, no dizer que se escreve sobre um corpo que está inscrito na história. Tomo como aporte teórico a Análise do Discurso materialista e penso nesta relação a partir dos processos de *(contra)identificação* (PECHÊUX, 1975), no funcionamento da *memória discursiva* (PECHÊUX, 1984), levando em conta tanto as contradições constitutivas dos movimentos de resistência do sujeito sob a dominação ideológica (PÊCHEUX, 1982), como também a possibilidade do equívoco inerente à língua, pois como disse Eni Orlandi: “Os discursos – onde se articulam sistemas significantes e ideologia – não são máquinas discursivas perfeitas” (2012, p. 214).

¹ Mestranda em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Integrante do Grupo de Pesquisa CNPq, Mulheres em Discurso, liderado pela Profa. Dra. Mônica G. Zoppi Fontana.



Em *Delimitações, Inversões, Deslocamentos*, Michel Pêcheux (1982) trata das resistências não como um germe revolucionário independente que se submete apenas a uma dominação externa. Ao contrário, a dominação ideológica é concebida em seu funcionamento interno, no interior das próprias ideologias dominadas, que se formam “[...] sob a dominação ideológica e contra elas, e não em um ‘outro mundo’, anterior, exterior ou independente” (Idem, p.16) e acrescenta: é preciso descartar os *efeitos religiosos*, romper com as interpretações populistas, deslocando a preocupação da legitimidade/ilegitimidade dos discursos revolucionários para outras questões: de onde vêm tais discursos? Qual a sua constituição histórica? A sua relação com o inexistente, o irrealizado, o impossível? Nas palavras de Pêcheux, os discursos revolucionários seriam rondados por espectros, teriam bordas, colorações, “[...] faixas brilhantes ou obscuras, as raias que dividem seu campo como fronteiras, marcando nele o traço dos elementos que entram em sua misteriosa composição”. (Idem, 1982, p.8).

Influenciada pela leitura de Pêcheux, penso nos espectros que rondam a composição dos discursos na prática política feminista a partir do lugar de dizer de um coletivo autodenominado “Marcha das Vadias”. Na filiação desta palavra se faz presente uma memória discursiva que vem significando historicamente a mulher como “vadia” pelo corpo/conduta sexual a partir de binarismos – certo/errado, sim/não, público/privado, santa/puta -, em conflito com um certo sentido de “vadia” que se constitui na/pela Marcha a partir da necessidade de estabelecer uma identidade coletiva comum: sujeito político o “nós-vadias”. Processo este, em que se articula o uso do corpo como suporte – a escrita de si em si. Dessa forma, proponho neste gesto analítico, ler este corpo não apenas como um suporte, mas como um (inter)discurso.

A relação entre o visível e o invisível

O que desperta a atenção nas várias edições da Marcha das Vadias nos seus três anos de existência é a presença de um traço recorrente: o uso do corpo como protesto – mulheres (na maioria) escrevem sobre ele, desnudam-no, usam lingerie, realizam performances. Esta análise se volta para o funcionamento de uma regularidade específica: a escritura sobre a pele, a relação do corpo com as palavras escritas sobre a sua superfície e a relação com o já-dito (o interdiscurso). O que nos leva conseqüentemente ao *processo de interpelação do indivíduo em sujeito do seu discurso* (PÊCHUEX, 1975) e a buscar os traços daquilo que o determina *sob a forma de autonomia* no próprio fio do dizer.

Tomo como objeto de análise quatro imagens postadas na Marcha das Vadias Sampa no Facebook. Proponho conceber o funcionamento destes corpos como textualidade a partir do entrelaçamento entre língua-discurso-ideologia, buscando compreender o modo como o sujeito se constitui e se (contra)identifica ante ao simbólico, sua inscrição em redes de memória e as condições ideológicas em que operam os processos de subjetivação/identificação na prática política.



(Fig. 1)



(Fig. 2)



(Fig. 3)



(Fig. 4)

Volto-me agora para a análise dos enunciados, ressaltando, desde já, a eficácia simbólica (significante) da imagem, que nas palavras de Pêcheux (1984) funciona como: “[...] um operador de memória social, comportando no interior dela mesma um programa de leitura, um percurso escrito discursivamente em outro lugar [...]”. (Idem, p. 51). Relaciono aqui a relação verbal/não-verbal e os possíveis efeitos de sentido no jogo dessa imbricação.

Fig. 1: “Isso não é um convite”. Enunciado que funciona sob a modalidade da negação, escrito sobre pernas à mostra. Onde o “isso” reescreve o “mostrar as pernas”. No corpo uma ausência presente, o sentido que é negado pelo escrito; o “já-lá”, o “é sim um convite”, a determinação histórica que afirma aquilo que é negado pelo sujeito da enunciação.

Fig. 2: “Eu não disse sim”. Enunciado que também funciona sob a modalidade da negação, escrito sobre uma barriga à mostra, opondo-se à determinação histórica do corpo desnudo que diz “sim” ao “eu” no discurso que diz “não”. Destaco também a marca enunciativa de um “eu” que se pronuncia imerso na formação de um coletivo cujo modo de dizer geralmente se faz pela via do “nós”.

Fig.3: “Não é público”. “O corpo” na forma linguística da elipse se textualizando como uma ausência/presença no enunciado, que nega a disponibilidade/acessibilidade do corpo no espaço público.

Fig. 4: “**Nem puta nem santa. Livre**”. Escrito sobre um corpo que se mostra de sutiã no espaço público, o enunciado nega e afirma, onde o sujeito, a partir do lugar de dizer do Coletivo não se identifica nem com a ‘puta’ nem com a ‘santa’, mas com uma terceira possibilidade: ‘livre’. Um dizer sobre (na superfície) do corpo e sobre (a respeito) do sujeito.

O funcionamento da negação determina a “[...] identificação ou a contra-identificação do sujeito com a formação discursiva na qual a evidência do sentido lhe é fornecida, para que ele se ligue a ela ou a rejeite [...]” (PÊCHEUX, 1975, p.200). Detenho-me agora na forma como os enunciados das fig. 1, 2 e 3 se relacionam sob a modalidade da (contra)identificação presentes em “eu não disse sim”, “isso não é um convite”, “não é público”. O corpo evoca uma memória - *o interdiscurso como determinação real exterior*, propondo um trajeto de leitura que afirma o oposto do que é escrito e daí a necessidade de escrever sob a forma da negativa o sentido presente/ausente, que “todo mundo sabe que já está lá”.

O que chama atenção no enunciado da Fig. 4 é a veiculação da autodesignação “livre” com aquilo que o antecede e o determina. Que sentidos possíveis podem ser admitidos para a palavra “livre”? Até que ponto ela se atrela ao sentido de não-puta e não-santa, fazendo um retorno ao discurso da dominação Ideológica? Poderíamos aí compreender que o sujeito não se identifica nem com uma coisa (puta) nem com outra (santa), ele se define enquanto “livre” não se definindo. A fotografia traz um corpo trajado apenas com sutiã, sustentando-se em um trajeto de leitura que o sensualiza, contudo, estando este corpo em uma manifestação política, o dizer posto sobre a sua superfície provoca o questionamento dos binarismos que constituem os espaços discursivos designados como logicamente estabilizados dos quais fala Pêcheux (1983): “[...] essa necessidade universal de um mundo semanticamente normal, isto é, normatizado, começa com a relação de cada um com seu próprio corpo e seus arredores imediatos [...]” (Idem, p.34).

Essa retomada de um discurso que significa a mulher pelo binarismo na Fig. 4 agrega uma tensão: a memória que liga o discurso do movimento Marcha das Vadias ao discurso moralizante-religioso, que significa a mulher pela sexualidade como santa ou puta, irrompe em meio à recusa (nem/nem) de ambas as posições a partir do lugar de enunciação do coletivo. O mais interessante é perceber os *efeitos paradoxais* (PÊCHEUX, 1975), “[...] enquanto relação de desdobramento entre ‘sujeito da enunciação’ e ‘sujeito universal’” (Idem, p. 19) que este jogo de palavras produz sobre o corpo. O sentido provocado por essa recusa evoca aquilo que Pêcheux (1982) diz sobre os discursos revolucionários e suas quebras de rituais, o jogar com as palavras “[...] e assim começar a se despedir do sentido que reproduz o discurso da dominação, de modo que o irrealizado advenha formando sentido no interior do sem-sentido” (Idem, p.17).

O corpo na Marcha: um dizer escrito e um dizer inscrito.

Escrever sobre um corpo já inscrito na história, já significado pela marca do gênero: um corpo de mulher. Propus neste breve gesto analítico um olhar voltado para o funcionamento textual do



corpo, o discurso que ele historicamente comporta posto em relação com a constituição do sujeito em seus movimentos de resistência – *tomadas de posição* (PÊCHEUX, 1975). Ao mesmo tempo em que o sujeito determina sentidos para si mesmo ele também é determinado pelo exterior, atravessado pela Ideologia, *trazendo seu corpo também interpelado*. Pensar, portanto, no funcionamento do corpo na Marcha das Vadias como um gesto de *auto-apropriação* do sujeito perante a materialidade física que o compõe é perceber o quanto de simbólico há nesta materialidade, o quanto se é sujeito ao corpo, aos sentidos históricos que ali se fazem presentes/ausentes pelo jogo do visível/invisível.

Observando os efeitos de sentido na relação entre o verbal e o não-verbal foi possível perceber como o funcionamento da memória guia o trajeto de leitura das imagens a partir da sua relação com o linguístico: o corpo que diz sim porque mostra a barriga, o corpo que é um convite porque usa short curto, o corpo que é público, o corpo que “é” na Marcha sempre “já sendo” na História. Por último, chamo a atenção novamente para o efeito de (in)definição produzido pelo enunciado “Nem santa nem puta. Livre” e a possibilidade de tomá-lo como algo que vem a perturbar a memória (PÊCHEUX, 1984), a *abalar a religião dos sentidos* (Idem, 1983) irrompendo em meio a uma certa regularização discursiva, um *não entender ou entender errado* que, embora ainda dentro de um funcionamento binário, propõe uma outra via: uma possível nova posição do sujeito no discurso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso em Análise: Sujeito, Sentido e Ideologia**. 2ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

PÊCHEUX, Michel. (1975) **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução Eni Pulcinelli Orlandi... et al. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

_____. (1982) Delimitações, inversões e deslocamentos. Trad. José Horta Nunes. In: **Caderno de Estudos Linguísticos 19** – O discurso e suas análises. ORLANDI, E. P. & GERALDI, J. W. (org.). Campinas, 1990. p. 7-24.

_____. (1984). **Papel da memória**. In: ACHARD, P. et al. (org.). **Papel da memória**. Tradução e introdução de José Horta Nunes. Campinas, Pontes: 2010. p49-56

_____. (1983). **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Trad. Eni Orlandi. Campinas, SP: Pontes Editores, 2008.